

VEREDAS

Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

VOLUME 18



SANTIAGO DE COMPOSTELA
2012

A AIL – Associação Internacional de Lusitanistas tem por finalidade o fomento dos estudos de língua, literatura e cultura dos países de língua portuguesa. Organiza congressos trienais dos sócios e participantes interessados, bem como copatrocinia eventos científicos em escala local. Publica a revista *Veredas* e colabora com instituições nacionais e internacionais vinculadas à lusofonia. A sua sede localiza-se na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em Portugal, e seus órgãos diretivos são a Assembleia Geral dos sócios, um Conselho Diretivo e um Conselho Fiscal, com mandato de três anos. O seu património é formado pelas quotas dos associados e subsídios, doações e patrocínios de entidades nacionais ou estrangeiras, públicas, privadas ou cooperativas. Podem ser membros da AIL docentes universitários, pesquisadores e estudiosos aceites pelo Conselho Diretivo e cuja admissão seja ratificada pela Assembleia Geral.

Conselho Directivo

Presidente: Elias Torres Feijó, Univ. de Santiago de Compostela
eliasjose.torres@usc.es

1.º Vice-Presidente: Cristina Robalo Cordeiro, Univ. de Coimbra
cristinacordeiro@hotmail.com

2.º Vice-Presidente: Regina Zilberman, UFRGS
regina.zilberman@gmail.com

Secretário-Geral: Roberto López-Iglésias Samartim, Univ. da Corunha, rlopez-iglesias@udc.es

Vogais: Benjamin Abdala Junior (Univ. São Paulo); Ettore Finazzi-Agrò (Univ. de Roma «La Sapienza»); Helena Rebelo (Univ. da Madeira); Laura Cavalcante Padilha (Univ. Fed. Fluminense); Manuel Brito Semedo (Univ. de Cabo Verde); Onésimo Teotónio de Almeida (Univ. Brown); Pál Ferenc (Univ. ELTE de Budapeste); Petar Petrov (Univ. Algarve); Raquel Bello Vázquez (Univ. Santiago de Compostela); Teresa Cristina Cerdeira da Silva (Univ. Fed. do Rio de Janeiro); Thomas Earle (Univ. Oxford).

Conselho Fiscal

Carmen Villarino Pardo (Univ. Santiago de Compostela); Isabel Pires de Lima (Univ. Porto); Roberto Vecchi (Univ. Bolonha).

Associe-se pela homepage da AIL: www.lusitanistasail.org

Informações pelo e-mail: secretaria@lusitanistasail.net

Veredas

Revista de publicação semestral

Volume 18 – dezembro 2012

Diretor:

Elias J. Torres Feijó

Editora:

Raquel Bello Vázquez

Conselho Redatorial:

Anna Maria Kalewska, Axel Schönberger, Clara Rowland, Cleonice Berardinelli, Fernando Gil, Francisco Bethencourt, Helder Macedo, J. Romero de Magalhães, Jorge Couto, Maria Alzira Seixo, Maria Luísa Malato Borralho; Marie-Hélène Piwnick, Sebastião Tavares Pinho; Sérgio Nazar David; Ulisses Infante; Vera Lucia de Oliveira. Por inerência: Benjamin Abdala Junior; Cristina Robalo Cordeiro; Ettore Finazzi-Agrò; Helena Rebelo; Laura Cavalcante Padilha; Manuel Brito Semedo; Onésimo Teotónio de Almeida; Pál Ferenc; Petar Petrov; Regina Zilberman; Roberto López-Iglésias Samartim; Teresa Cristina Cerdeira da Silva; Thomas Earle.

Redação:

VEREDAS: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

Endereços eletrônicos: veredas@lusitanistasail.net; revista.veredas@gmail.com

Desenho da Capa: Atelier Henrique Cayatte – Lisboa, Portugal

Impressão e acabamento:

Unidixital, Santiago de Compostela, Galiza

ISSN 0874-5102

SUMÁRIO

LISA VASCONCELLOS Sozinho no parque: reflexões sobre a representação subjetiva na obra ortôni- ma de Fernando Pessoa.....	7
LUÍS ANDRÉ NEPOMUCENO Jorge de Montemor, um exilado português na corte espanhola	31
VANDA ANASTÁCIO Almanaques: origem, gêneros, produção feminina.....	53
RICARDO POSTAL Ambas cordas brandindo a um tempo : o Brasil de José de Alencar	75
LÚCIA OSANA ZOLIN Aportes teóricos rasurados: a crítica literária feminista no Brasil	99
JURACY ASSMANN SARAIVA Reflexões poéticas de Machado de Assis inscritas em referências musicais	113

Almanaques. Origem, géneros, produção feminina

VANDA ANASTÁCIO

Centro de Estudos Clássicos, Universidade de Lisboa

RESUMO

O presente artigo problematiza as possibilidades abertas às mulheres escritoras de língua portuguesa dos séculos XIX e XX pelos almanaques que circulavam então na área lusófona. Para entender o relacionamento entre as escritoras e este formato editorial, procura dar conta de alguns marcos importantes na história do Almanaque entre o século XVI e o início do século XX. Tomando a colecção de almanaques preservada na biblioteca nacional de Portugal como uma amostra representativa dos almanaques em circulação, procura tirar conclusões acerca da relação estabelecida pelas mulheres com o formato almanaque enquanto leitoras, editoras e contribuidoras para a vitalidade do mesmo na área lusófona.

Palavras-chave: Escritoras de Língua Portuguesa; Almanaques; Mulheres e Imprensa Periódica

ABSTRACT

The present article discusses the possibilities opened to Portuguese speaking women author's of the 19th and 20th Centuries by Almanachs which circulated in the Lusophone area. In order to understand the relationship of women writers with this publishing format an attempt is made of historicizing the Almanach from the 16th Century

to the early 20th Century. Taking the Almanach collection of the Portuguese National Library as a representative sample, conclusions are being drawn on the relevance of the contribution of women as readers, as well as publishers and contributors to the format's vitality in the Lusophone area.

Keywords: Portuguese-Speaking Women Writers; Almanachs; Women and the Periodical Press

Num texto escrito para servir de prefácio ao *Almanaque Encyclopédico* de 1896,¹ Eça de Queirós descrevia a origem dos almanaques por meio de uma fábula: contava que «nas vésperas do Dilúvio» dois Sábios, preocupados com a destruição iminente da Humanidade, acharam um meio de preservar a Ciência acumulada até então. E escreveu:

Então, naquele caminho perdido da Mesopotâmia, sob a imensa tristeza do céu justiceiro, os dois Sábios, filhos de Seth, determinaram arquivar, escrevendo sobre matéria imperecível, a Ciência que possuíam, que era a Ciência total daquela primeira Humanidade. Durante três dias e três noites [...] os Sábios, sem repouso, ansiosamente, espreitando as nuvens, gravavam sobre o granito e sobre o tijolo, duplamente, o Livro de Todo-o Saber. [...] Que direi? O Livro de Todo-o Saber, gravado para a Humanidade vindoura, sobre o tijolo e o granito, nas vésperas do Dilúvio, por dois sábios filhos de Seth, era na realidade e simplesmente um *Almanaque*.²

E prosseguia explicando:

É que o *Almanaque* contém essas verdades iniciais que a Humanidade necessita saber, e constantemente rememorar, para que a sua existência, entre uma Natureza que lhe não é benévola, se mantenha, se prosiga toleravelmente. A essas verdades, a essas regras, chamam os Fran-

1 Eça de Queirós «Almanaques» in.: *Almanaque Encyclopédico*, Lisboa, Livraria Antonio Maria Pereira, 1895.

2 Eça de Queirós, *Op. cit.*, p. 32 e p. 34.

ceses, finos classificadores, *verdades de Almanaque*. São as grandes verdades vitais. O homem tudo poderia ignorar, sem risco de perecer, excepto que o trigo se semeia em Março. E se os livros todos desaparecessem, bruscamente, e com eles todas as noções, e só restasse, da vasta aniquilação, um Almanaque isolado, a Civilização guiada pelas indicações genéricas, sobre a Religião, o Estado, a Lavoura, poderia continuar, sem esplendor, sem requinte, mas com fartura e com ordem. Por isso os homens se apressaram a arquivar essas *verdades de Almanaque*, -antes mesmo de fixar em livros duráveis as suas Leis, os seus Ritos, os seus Anais. Antes de ter um Código, uma Cartilha, uma História, a cidade antiga teve um Almanaque.³

A estas considerações, Eça acrescentará no seu texto a seguinte conclusão:

Só o Almanaque verdadeiramente nos penetra na realidade da nossa Existência, porque a circunscreve, a limita, a divide em talhões regulares, curtos, compreensíveis, fáceis de desejar e depois fáceis de recordar porque têm nome, e quase têm forma, e onde se vão depondo e vão ficando os factos da nossa feliz ou desgraçada História. As datas, e só elas, dão verdadeira consistência à vida e à sua evolução.⁴

Como se verifica, do ponto de vista do escritor, o *almanaque* era visto como um objecto capaz de preservar o essencial da sabedoria humana, uma espécie de compêndio passível de arquivar as verdades essenciais da espécie, de fornecer um modelo de organização do quotidiano e da vida em sociedade.⁵ Ao mesmo tempo, Eça associava o Almanaque à dimensão temporal da existência, às estações do ano e ao ciclo renovável da Natureza que estas contribuem para assinalar e não

3 *Op. cit.*, p. 35.

4 *Op. cit.*, p. 60.

5 Eça de Queirós exprime algo de semelhante no seu texto de 1895 intitulado «Um novo plano de Almanaque», (reed. por Irene Fialho em *Almanques e outros Dispersos*, Lisboa, Imprensa Nacional, 2010, pp. 245-248) quando diz, p. 245: «O que me parece que um almanaque devia ser, era uma espécie de guia especial, para o pensamento e para a acção».

há dúvida de que, ao fazê-lo, tinha presente o formato mais comum dos almanaques do seu tempo: destinados a um público heterogêneo, fornecendo um calendário e recheados de informações, de conselhos úteis e de indicações para bem viver, estas publicações procuravam simultaneamente guiar, instruir e deleitar os seus leitores.⁶ Contudo, nem todos os almanaques se enquadram nesta descrição.

Afinal, a que nos referimos, quando falamos de Almanagues?

Muito provavelmente, a várias realidades.

1. Almanagues e calendário

O almanaque contemporâneo de Eça, tão difundido no século XIX e no século XX constitui, de facto, o ponto de chegada de uma fórmula editorial mais antiga. O almanaque tem origens remotas que se entrelaçam com as do calendário.⁷ Em português, os almanaques mais antigos que se conhecem – estudados por Luís de Albuquerque em 1961 – são manuscritos, e datam dos inícios do século XIV.⁸ Mas, na sua forma impressa, são contemporâneos da invenção da Imprensa de tipos móveis. Os mais vetustos datam do século XV e foram publicados na Alemanha em 1454 (*Türkenkalender*), em 1457 (*Laxierkalender*) e em 1458 (*Astronomischerkalender*), por Gutenberg. As décadas de 1460 e 1470 viram difundir-se os almanaques impressos na Alemanha e na Holanda. Em França, o mais antigo parece ter sido o *Grand calendrier et*

6 A mesma concepção de almanaque e a mesma associação deste com a temporalidade está subjacente à fábula sobre a origem dos almanaques, criada em 1890 por Machado de Assis, no texto «Como se inventaram os almanaques» in.: Marlyse Meyer (org.) *Do almanak aos Almanagues*, São Paulo, Ateliê Editorial, 2001, pp. 25-28.

7 Encontra-se uma indicação abreviada das origens do almanaque no artigo de João David Pinto Correia e Manuel Viegas Guerreiro «Almanaques ou a sabedoria e as tarefas do Tempo» *Revista do ICALP*, vol. 6, Agosto / Dezembro, 1986, pp. 43-52. Os autores recordam neste trabalho que também José Leite de Vasconcelos assinala a origem remota do género ao investigar as origens de uma das suas designações populares no século XVII ('sarrabal') em *Etnografia Portuguesa*, vol. III, Lisboa, Imprensa Nacional, 1942, p. 458.

8 Luís Mendonça de Albuquerque, *Os Almanagues Portugueses de Madrid*, Coimbra, Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga, Junta de Investigações do Ultramar, 1961; *Idem*, «Almanaques» Joel Serrão (org.) *Dicionário de História de Portugal*, vol. I, Porto, Livraria Figueirinhas, 1971, pp. 112-114.

compost des bergers dado à estampa 1491, e o almanaque mais antigo que se conhece publicado em português é o célebre *Almanach perpetuum* de Abraão Zacuto, publicado em Leiria em 1496 por Abraão d'Ortas. Note-se que nem este, nem os almanaques anteriores ao século XVII eram periódicos, ou anuais. Eram, sim, *perpétuos*, ou *perduráveis*, como também se lhes chamava,⁹ formados por tabelas destinadas a permitir o cálculo do tempo, da posição dos astros, das marés, etc., até ao fim dos tempos. Por isso também foram chamados, durante o século XVI, *Reportórios dos tempos*.¹⁰ Extensos de centenas de páginas, dirigiam-se preferencialmente aos navegantes, aos médicos e aos cientistas.¹¹

Recordemos que a arte da impressão surge numa época e num contexto em que apenas uma parte minoritária da população europeia (cerca de 20% nos séculos XVI e XVII) se encontrava alfabetizada.¹² Desde muito cedo, os impressores e os livreiros procuraram compensar as pequenas tiragens, os pesados custos da sua actividade e as escassas vendas de livros imprimindo espécies tipográficas menos caras e menos exigentes do ponto de vista das competências dos leitores, que podiam mais facilmente ser vendidas em muito maior quantidade do que aqueles: os calendários, as estampas com imagens de santos, as orações, os panfletos, os folhetos de cordel, as letras de cantigas da moda, os conselhos impressos para bem casar, para andar à moda, etc., serviram para estabilizar um mercado editorial financeiramente frágil e sujeito aos caprichos dos poderes político e eclesiástico. Durante o intervalo de tempo que medeia entre o século XV e o século XVII, o almanaque

9 Veja-se o título do almanaque manuscrito português compilado por volta de 1321 que se preserva na Biblioteca Nacional de Madrid: *Almanaque perdurável* ... Cf. Martim Mendonça de Albuquerque, *Op. cit.*

10 Exemplos mais conhecidos são o *Reportório dos Tempos* Valentim Fernandes (1518), o *Reportório dos tempos* de André de Avelar e a *Chronografia o Reportorio de los tiempos* de Jerónimo de Chaves (1576). Veja-se: Rosa Maria Galvão, (coord.) *Os Sucessores de Zacuto. O Almanaque na Biblioteca Nacional do século XV ao XXI*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2002.

11 O cronista Gomes Eanes de Zurara refere-se ao uso de almanaques para fins náuticos no Capítulo 58 da *Crónica da Tomada de Ceuta* que se supõe ter sido redigida antes de 1450. E, como recordou Luís de Albuquerque *Op. cit.* p. 11: «as profissões de médico e de astrólogo se confundiam por via de regra na mesma pessoa, e que a medicina era ensinada na Universidade;» afirmando ainda, *Op. cit.* p. 12, que: «a astrologia judiciária [era] considerada como necessária à medicina nas Universidades onde se professava esta arte [...]»

12 Veja-se a discussão em torno deste aspecto apresentada por Rita Marquilha, *A Faculdade das Letras. Leitura e Escrita em Portugal no século XVII*, Lisboa, Imprensa Nacional, 2000.

transformou-se, e foi incorporando algumas das características desses impressos de maior circulação. Um olhar atento sobre as espécies publicadas no século XVII em Portugal permite mesmo concluir que alguns impressores conseguiram assegurar a sua sobrevivência no mercado da edição dedicando-se exclusivamente à publicação de calendários e de almanaques, prova de que estas publicações asseguravam um volume de vendas considerável.¹³

De perpétuo, o almanaque tornou-se anual. Em vez de continuar a dirigir-se a uma camada restrita da população capaz de seguir os cálculos das tabelas de referência, alargou aquilo a que hoje chamaríamos o seu «público-alvo», e passou a incluir, para além do calendário, conselhos sobre a lavoura (de interesse quase universal, num mundo cuja economia dependia essencialmente da agricultura), festas religiosas, informações úteis, efemérides, etc. A mudança é já bem visível na definição que dá, de «Almanach» o Padre Rafael Bluteau no seu *Vocabulário Portuguez e latino*, em 1712:

ALMANACH ou Almanaque. Derivase do Arabico *Monach*, que significa *Calendario*. He o que vulgarmente chamamos *folhinha do anno*. Veja-se em Vossio no livro das Etymologias latinas na palavra *Manacus*. Numa palavra Grega latina, de que usa Cicero, poderás dizer *Ephemeris, idis. Fem.* Porém como no ditto orador esta palavra, sô significa Diario, em que se escrevem os successos de cada dia, bom será acrescentar alguma cousa a *Ephemeris*, para mais especificar a significação de hum Almanaque.¹⁴

13 Veja-se, Maria Isabel Loff, *Impressores, Editores e Livreiros no século XVII em Lisboa*, separata de *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, anos X-XII, 1964-1966 e Margarida Ortigão Ramos, *Tratamento bibliográfico de uma miscelânea de folhetos sobre a Restauração de Portugal 1641-1667*, (exemplar policopiado), Coimbra, Universidade de Coimbra, 1980.

14 Rafael Bluteau, *Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos*, Coimbra, Colegio das Artes da Companhia de Jesu, vol. I, 1712, p. 268.

Esta descrição, contudo, em breve se veria desmentida pela realidade dos factos.

Com efeito, a partir dos finais do século XVII, os almanaques foram-se diversificando cada vez mais. O género tornara-se tão apetecível, do ponto de vista comercial, que suscitava rivalidades entre entidades que procuravam apropriar-se da sua concepção e comercialização.¹⁵ O importante número de vendas que asseguravam graças à inclusão de informação de interesse geral, impeliu os seus produtores a procurar chegar a públicos cada vez mais variados. Em França, por exemplo, durante o reinado de Luís XIV, ao lado dos almanaques de cariz popular, que incorporavam informações destinadas ao mundo rural, surgiram almanaques destinados ao público citadino e aos membros da aristocracia e da realeza. É o caso do *Almanach Royal* francês, por exemplo, que viria a ter, a partir do início do séc. XVIII, um sucessor alemão que ficou famoso e teve grande longevidade —o *Almanach de Gotha*. Este tipo de almanaque incluía dados sobre as casas reinantes europeias e a vida de Corte, listagens dos detentores de cargos políticos e administrativos, informações sobre a composição do corpo diplomático, etc. e teve um paralelo português no *Annuario da Corte Portuguesa* publicado na última década do século XIX. A tendência para a diversificação do género alargou-se a outros países europeus e contribuiu para uma crescente variedade quer de formatos, quer de conteúdos.¹⁶

A associação entre informação deste tipo, acrescentada com roteiros dos programas da ópera, dos teatros, e de outros divertimentos semelhantes destinados às elites, e o calendário, transformou os almana-

15 Como recordaram, para o caso português, João David Pinto Correia e Manuel Viegas Guerreiro, *Op. cit.*, p. 5: «Nos princípios do século XVIII, o negócio das folhinhas e dos prognósticos era importante, como podemos depreender da luta pelo privilegio da impressão, luta que se prolonga até finais do século, e que teve como principais adversários o P.^o Tinoco da Silva, o livreiro Pedro Vilela e seu filhos, e ainda os padres da congregação do Oratório».

16 Vejam-se os estudos sobre a evolução dos almanaques ao longo do tempo de John Grand-Carteret, «L'Almanach-Livre a travers les âges» *Les Almanachs français. bibliographie- iconographie des almanachs, années, annuaires, calendriers, chansonniers, étrennes, états, heures, listes, livres d'adresses, tableaux, tablettes et autres publications annuelles éditées à Paris 1600-1895*, Paris, J. Alisie et Cie. Libraires-Editeurs, 1896, pp. XXVII-LXXIV e de João Luís Lisboa «Apresentação» in.: GALVÃO, Rosa Maria (coord.) *Os Sucessores de Zacuto. O Almanaque na Biblioteca Nacional do século XV ao XXI*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2002, pp. 11-23.

ques dos finais do século XVII e do século XVIII, em objectos elegantes, que eram muitas vezes trocados entre as pessoas da alta sociedade como presentes de fim de ano. Esta função levou a que muitos deles tenham sido impressos em formatos muito reduzidos (*in-12º*, *in-24º*, *in-32º* -que poderíamos chamar «de bolsinha» ou de «bolso de colete») e encadernados em materiais luxuosos como a seda, o brocado, os tecidos preciosos bordados a pedrarias, etc.¹⁷

2. Almanagues sem calendário?

É neste âmbito que podemos enquadrar o surgimento, no século XVIII, de almanagues em que os dados anteriormente habituais como o calendário, as informações sobre os astros, os conselhos para o quotidiano, etc., desaparecem, para dar lugar às produções poéticas mais em voga. O caso mais notório e de maior impacto é o do *Almanach des Muses*, fundado em França por Sautereau de Marsy em 1765, e publicado sem interrupção até 1833.¹⁸ De facto, até 1771, este impresso não incluía calendário nenhum: era completamente formado por textos em verso seguidos de uma lista de obras poéticas publicadas ano findo. Mesmo depois de ter começado a incluir entre as suas páginas informações sobre o ano astrológico, as festas móveis, etc., mais geralmente associadas com o formato almanaque, estas últimas nunca chegaram a ocupar mais do que escassas dezenas de páginas, às quais se seguiam entre três e cinco *centenas* de outras, totalmente preenchidas com poemas nos géneros mais em voga. Assim, apesar do título e da periodicidade anual, esta publicação distanciava-se do formato usual ao privilegiar a componente de entretenimento sobre as outras funções do almanaque (calendarizar, informar, ensinar, etc.). Mais do que um instrumento de organização do tempo, o *Almanak des Muses* apresentava-se como um repositório da poesia posta em circulação no ano anterior, para deleite dos leitores. Nas

17 A Biblioteca Nacional de Lisboa conserva alguns exemplares deste tipo. Veja-se a este respeito o artigo de Margarida Cunha, «A encadernação dos almanagues» in.: Rosa Maria Galvão, (coord.) *Os Sucessores de Zacuto. O Almanaque na Biblioteca Nacional do século XV ao XXI*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2002, pp. 25-27.

18 A longevidade do *Almanach des Muses* é especialmente notável se nos lembrarmos das reformulações do calendário levadas a cabo em França pelo poder político na década de 1790.

palavras do editor, tratava-se de «un recueil fait avec soin des meilleures poésies fugitives publiées dans le cours de l'année, soit dans les différents journaux, soit séparément»¹⁹ destinado às «pessoas de bom gosto» (*gens de goût*).

Note-se que a inexistência de calendário e o lugar secundário que continuou a ser atribuído a àquele na publicação, mesmo depois de 1771, era apenas um dos desvios que esta nova fórmula representava em relação ao formato mais comum do almanaque anual: na verdade, nem o interesse suscitado pelo seu conteúdo se esgotava no decurso de um ano, nem a obra era imputável exclusivamente ao seu compilador, uma vez que este recorria a composições de outros, postas a circular previamente. Tal como se dizia no aviso aos leitores incluído logo no primeiro número, no futuro, a colecção de volumes sucessivos do *Almanach des Muses* deveria funcionar não só como um repositório capaz de permitir o estudo da evolução da poesia ao longo dos anos,²⁰ mas servir, também, como instrumento de difusão e de aperfeiçoamento do gosto pela boa poesia entre aqueles que viviam fora da capital:

Enfin, cet Almanach, renouvelé tous les ans, pourra encore servir à repandre & à perfectionner le gout de la bonne poésie dans les provinces, ou l'on est moins à portée de se procurer les nouveautés de cette nature. Ce sera une espèce de journal annuel pour les poésies légères²¹.

Seja como for, a fórmula parece ter correspondido às expectativas dos leitores da época.²² Foram numerosos os autores de vulto que

19 «Avertissement», *Almach des Muses*, 1765, p. 3

20 *Op. cit.*, p. 3: «Il est aisé d'imaginer quelle supériorité cet Almanach doit avoir par sa nature sur les autres ouvrages du même genre. Bien différent de ceux qui, le dernier décembre, perdent sans ressource leur agrément & leur utilité, l'Almanach des Muses de cette année ne cessera point d'être un livre de littérature agréable l'année prochaine. Dans la suite il deviendra le recueil le plus complet qui aura jamais paru de toutes les poésies fugitives qui méritent d'être conservées; il servira à faire voir les changements successifs du gout dans ce genre de poésie; & cette entreprise, exécutée avec un discernement sévère, fera peut-être regretter aux gens de lettres de ne l'avoir pas vû commencer plutôt».

21 *Op. cit.*, p. 6.

22 Como lembrou João Luís Lisboa, «Apresentação» in.: Rosa Maria Galvão, (coord.) *Os Su-*

cederam as suas produções para serem publicadas deste modo e que viram os seus poemas divulgados lado a lado com os de autores menos conhecidos e, até, anónimos.²³ O êxito da empresa parece ter ficado a dever-se, também, a outra das facetas deste novo formato editorial de almanaque: a abertura à colaboração do público, solicitada logo no segundo número do *Almanach des Muses* destinado ao ano de 1767, nos termos seguintes: «Ceux qui voudroient faire inserer des Pièces de Poësie dans cet Ouvrage, sont priés de les faire parvenir avant le 15 Octobre, à DELALAIN, libraire à Paris, Rue de la Comédie Française»²⁴

Como notou Catriona Seth, a proximidade entre a data de composição destes poemas e a sua publicação em livro aproxima o *Almanach des Muses* de um «laboratório da poesia em acto»²⁵ ainda que possa ser visto, também, como sublinhou Marie Emmanuelle Plagnol-Diéval, como um tipo de «antologia periódica» de textos.²⁶

O impacto notável desta publicação pode avaliar-se pela sua irradiação europeia, dado que serviu de modelo a publicações congéneres em diversos países europeus cujos títulos evocam o do anuário francês.²⁷ Os exemplos mais conhecidos dessa expansão são, certamente, os diversos *Musenalmanach* ou *Anthologiealmanach*, publicados na Alemanha e na Holanda, bem como o *Wienerischer Musenalmanach* (1777) da Áustria, mas o modelo foi também adoptado em Portugal, por uma publicação muito esquecida e bastante maltratada pela crítica oitocentista:²⁸ o

cessores de Zacuto. O Almanaque na Biblioteca Nacional do século XV ao XXI, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2002, p. 13: «Públicos novos levarão a modelos novos».

23 Entre os autores mais frequentemente acolhidos nos exemplares das décadas de 60 e 70 figuram, entre outros, Voltaire, Dorat, Piron e Colardeau, por exemplo.

24 «Avertissement», *Almach des Muses*, 1767, p. V

25 Catriona Seth, «Sciences et techniques dans l'*Almanach des Muses*» *Cahiers Roucher-André Chénier. Études sur la poésie du XVIIIe siècle*, Almanachs et Anthologies poétiques (1750-1830), n.º 28, 2009, p. 96: «Il devient, plutôt qu'un conservatoire, le laboratoire de la poésie en cours».

26 Marie Emmanuelle Plagnol-Diéval, «La place de la poésie dans les *Etrennes à la Jeunesse* (1760-1820)» *Cahiers Roucher-André Chénier. Études sur la poésie du XVIIIe siècle*, Almanachs et Anthologies poétiques (1750-1830), n.º 28, 2009, p. 38: «modèle sans doute novateur de l'anthologie périodique».

27 Houve «Almanaques das Musas» pelo menos na Holanda, na Rússia, na Bélgica, em Espanha, na Alemanha, na Áustria.

28 Teófilo Braga, por exemplo, refere-se-lhe, em termos pejorativos já na obra *Bocage Sua vida e Obra litteraria*, Lisboa, Imprensa Portugueza, 1876 e a sua opinião continuou a ser repetida

Almanak das Musas. Publicado por subscrição entre 1793 e 1794, este anuário era exclusivamente formado por poesia e não incluía qualquer calendário. Pelo facto de ter acolhido nas suas páginas obras de Manuel Maria Barbosa du Bocage, Domingos Caldas Barbosa, Manuel Curvo Semedo, Francisco Joaquim Bingre e outros, tem sido considerado pela historiografia literária como o principal órgão de difusão das produções da *Academia de Belas Letras*, também conhecida por *Nova Arcádia*, à qual pertencia a maior parte dos seus colaboradores. Diga-se que, apesar de haver já, por esses anos, algumas mulheres activas no campo literário português, nenhuma se encontra representada na colectânea.

Quando o século XVIII terminou, o almanaque abrangia uma tipologia variadíssima: podia ser destinado ao público rural ou ao cidadão, revestir-se de um cariz mais popular ou mais aristocrático, acolher nas suas páginas calendários e indicações para o quotidiano ou prescindir delas, ser aberto à colaboração dos seus leitores, publicar as composições de autores anónimos, e também dos escritores mais famosos. Nas palavras de John Grand-Carteret, ao chegar ao limiar de oitocentos, o almanaque «generalizara-se, procurava interessar todas as classes e responder a todas as necessidades».²⁹ E se, até ao final do século XVIII, a presença feminina nestas publicações pode considerar-se residual, na centúria seguinte ela será cada vez mais visível. As mulheres, que constituíam já, pelo menos desde meados do século XVIII, um dos destinatários privilegiados destas publicações, passarão a ter uma presença cada vez maior nas suas páginas ao longo da centúria seguinte, quer como colaboradoras, quer como directoras, quer ainda como proprietárias de algumas delas.

pela posteridade.

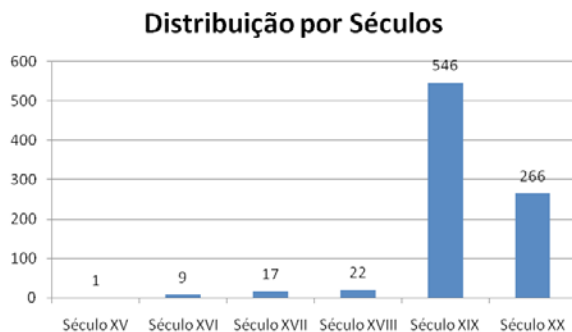
29 John Carteret-Grand, *Op.cit.* p. XXVIII: «L'almanach se généralise, cherche à intéresser toutes les classes, à répondre à tous les besoins»

3. Os Almanques e produção feminina: a colecção da Biblioteca Nacional

O estudo da presença feminina nos almanques esbarra com algumas dificuldades. Por um lado, o facto de estes impressos terem sido encarados como objectos utilitários e descartáveis, que perdiam a sua razão de existir no final do ano a que se reportavam está na origem do desaparecimento de muitos deles e, por outro, a circunstância de não serem encarados como livros propriamente ditos levou a que, como já notou Rosa Galvão a propósito da colecção de almanques da Biblioteca Nacional de Lisboa, «apesar da grande divulgação e procura que estas publicações tiveram ao longo dos séculos, a sua identificação» esteja «omissa em catálogos e inventários».³⁰

Pareceu-nos que uma primeira aproximação ao problema poderia ser tentada, precisamente, a partir da amostra representativa que constitui o *corpus* de 861 almanques preservados nesta biblioteca, datáveis dos séculos XV a XX. Apesar de se tratar de uma colecção reunida de modo mais ou menos aleatório, a sua constituição parece corresponder ao que sabemos acerca da vida do género, que atingiu o ponto máximo da sua popularidade no século XIX (63% da colecção é desta época, sendo 31% do século XX, 3% do século XVIII, 2% do século XVII, 1% do século XVI e um único do século XV):

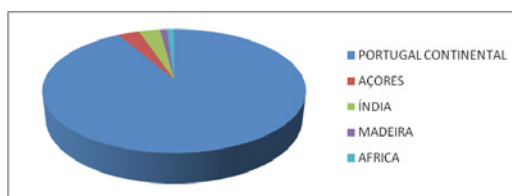
QUADRO I: DATAS DOS ALMANQUES DA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA



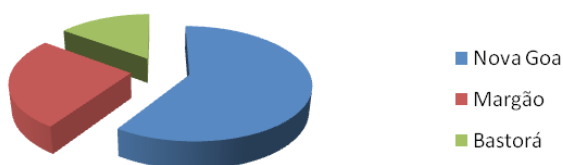
30 Rosa Galvão, «Nota prévia», *Op. cit.*, p. 29.

Um outro aspecto a que a colecção da Biblioteca Nacional dá visibilidade é a ampla implantação geográfica alcançada pelos almanaques portugueses durante os séculos XIX e XX. Ainda que, como seria de esperar, a maior parte deles tenha sido publicada em Lisboa, no Porto e em Coimbra, o universo aqui em análise inclui títulos dados à estampa em 56 localidades diferentes, situadas um pouco por todo o Portugal Continental, do Minho ao Algarve, bem como nos Açores e na Madeira, em Angola e Moçambique e na Índia portuguesa. Se, para além dos lugares de impressão, tivermos em conta a circulação destes anuários, que incluía, frequentemente, o Brasil, veremos desenhar-se um *mapa* extraordinariamente amplo, capaz de justificar quer o interesse destas publicações em termos comerciais, quer as diversas apropriações de que foram sendo alvo ao serviço da propaganda ideológica, religiosa e política.

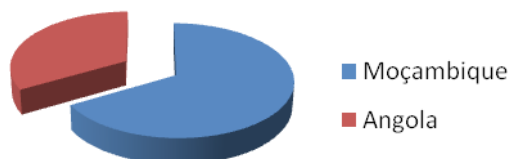
QUADRO II: DISTRIBUIÇÃO POR ÁREAS GEOGRÁFICAS DOS ALMANAQUES DA BN



QUADRO III: LOCAIS DE IMPRESSÃO NA ÍNDIA PORTUGUESA



QUADRO IV: LOCAIS DE IMPRESSÃO NA ÁFRICA PORTUGUESA



Títulos como *Almanaque da Maria da Fonte* (1882), *Almanaque Republicano* (1875), *Almanaque da República* (1910), *O Almanaque do Legitimista* (1871), *Almanaque da Democracia Cristã* (1903), são ilustrativos do que acabamos de afirmar, bem como os dos numerosos anuários postos a por instituições ligadas à Igreja Católica como o *Calendário da Reza, conforme o Breviário e missal da Ordem dos Pregadores* (1769-1833), *O Almanaque do Bom Católico* (1869-1875), *Almanaque da Imaculada Conceição* (1879), *Almanaque da Virgem Mãe do Céu* (1886), etc. A julgar por esta amostra, o formato “almanaque” foi também usado, no caso português, como porta-voz e como veículo de difusão de correntes de pensamento combatidas pela ortodoxia religiosa e pelo Estado, como a maçonaria (n.º 316 *Almanaque do Rito Escocês Antigo e aceite em Portugal* [1845]), ou a bruxaria e as ciências ocultas (como testemunham, por exemplo os espécimes n.º 157 *Almanaque das feiticeiras*, n.º 268 *Almanaque do feiticeiro* [1871] n.º 235 *Almanaque de São Cipriano* [1889], n.º 542 *Almanaque saragoçano das feiticeiras* [1894] n.º 141, n.º 142 *Almanaque da Tia Mónica e da Tia Micaela* [1887-1896], entre outros). A proliferação de almanaques dedicados à defesa da Igreja Católica entre a data da extinção das Ordens Religiosas e 1926 pode ser entendida a partir deste mesmo ponto de vista. Como facilmente se verifica, ao reunir num objecto único as funções utilitária, informativa e recreativa, e procurando chegar a todos os públicos, no século XIX o almanaque tornou-se um instrumento persuasivo de grande impacto, utilizável como canal de disseminação de ideias junto de um grande número de leitores.

4. Leitoras e Escritoras «de Almanaque»

Quando tentamos entender a relação estabelecida entre as mulheres e os almanaques devemos ter em conta este contexto, e distinguir entre os vários papéis atribuídos às mulheres pelos organizadores destas publicações e aqueles que resultaram de resistências a estes mesmos papéis ou da sua apropriação por parte da população feminina: incluídas entre o público indiferenciado a que os almanaques passaram a ter em vista a partir do século XVII, as leitoras serão frequentemente invoca-

das como destinatário preferencial de alguns deles ao longo dos séculos seguintes e, quando estes livrinhos começaram a acolher contribuições do público anónimo nas suas páginas, contaram-se entre os seus colaboradores mais activos.

Note-se que, ao apelar à colaboração dos leitores e ao acolher e publicar nas suas páginas textos seleccionados apenas com base no gosto do seu organizador, os editores de almanaques do século XVIII haviam criado as condições para a emergência de um novo tipo de autor: aquele que não frequenta necessariamente o meio literário ou erudito, que não conhece os meandros do acesso aos editores e à publicação, que não tem necessariamente uma obra extensa passível de ser reunida em volume, e que para fazer circular as suas produções não precisa necessariamente de declarar o seu nome nem de provar a sua identidade... Para publicar num almanaque bastava enviar um texto pelo correio, de preferência pouco extenso, e esperar que ele agradasse ao coordenador do volume. Ver o seu texto seleccionado de entre um número considerável de contribuições enviadas equivalia a um sinal de reconhecimento da aptidão para escrever; e, em caso de publicação, esse texto -e o seu autor- tinham assegurada a visibilidade e um número extensíssimo de leitores.

A «facilidade» de acesso à publicação assim proporcionada pelo almanaque, associada ao facto de este ser encarado como um objecto distinto do livro, menos prestigiado e menos exigente que aquele, tornou-o numa via de acesso à imprensa e ao reconhecimento do público especialmente adequado à produção escrita das mulheres, numa época em que, apesar de ser já significativa a percentagem de elementos do sexo feminino alfabetizados, se lhes exigia modéstia, discrição e o confinamento à esfera doméstica. Para colaborar num almanaque não era preciso «sair de casa», nem conhecer o funcionamento do meio editorial, e autoras principiantes podiam servir-se dele como teste para as suas experiências e incursões, mais ou menos continuadas, no mundo da cultura escrita.

Entre os almanaques representados no *corpus* em apreço que se apresentam expressamente como leitura feminina, predominam aqueles que pretendem corresponder aos papéis sociais tradicionalmente re-

servados às mulheres. A indicação de que se destinam «às boas donas de casa» é frequente em livrinhos como o *Almanaque das cozinhas*, o *Almanaque dos bons pitéus*, o *Almanaque familiar*, bem como a associação entre o sexo feminino e o espaço doméstico (*Almanaque Doméstico*) e o ambiente familiar (*Almanaque familiar* e *Almanaque das famílias*). Um olhar atento permite observar que os títulos dos exemplares conservados dão conta da estratificação do grupo *mulheres* na sociedade portuguesa do período, distinguindo entre as «elegantes» (*Almanaque das Elegantes*, *Almanaque Elegante*), por exemplo, e as mulheres de estratos sociais mais baixos, como as lavadeiras (*Almanaque das lavadeiras*), as sopeiras (*Reportorio das sopeiras*) ou as criadas (*Almanaque de Santa Zita*, *Almanaque das criadas*). A associação tradicional entre mulher e bruxaria encontra-se também implícita nos diversos almanaques de «feiticeiras» representados neste acervo, ainda que estes possam não ter sido pensados em exclusivo para o leitorado feminino.

Uma apreciação geral e necessariamente provisória, dada a natureza não sistemática e não exaustiva da colecção a que nos reportamos, levar-nos-ia a postular que os almanaques destinados expressamente a leitores do sexo feminino nos séculos XIX e XX têm em vista um público predominantemente urbano (recorde-se que a profissão de lavadeira se exercia com base em roupa recolhida na cidade que era tratada por mulheres dos arredores), muito provavelmente porque era sobretudo nas cidades que se concentrava o maior número de mulheres alfabetizadas.³¹

Merece destaque, neste conjunto, o *Almanaque das Senhoras para Portugal e Brasil*, fundado por Guiomar Torrezão em 1870 e continuado depois da sua morte, em 1885, por Felismina Torrezão e por Júlia de Gusmão, cuja publicação só foi suspensa em 1928, assim como o *Almanaque das Senhoras Portuenses* (1885-1886) e o *Almanaque das Senhoras Portuguesas e Brasileiras* (1885-1887) dirigidos por Albertina Paraíso, que tiveram menor longevidade. Distingue-os o facto terem sido fundados e dirigidos por mulheres (o primeiro por Guiomar Torrezão, e os dois últimos por Albertina Paraíso) bem como a circunstância

31 Em Portugal, a percentagem de mulheres analfabetas era de 85,4% em 1890; 85% em 1900 e 81,2% em 1911. Cf.: João Gomes Esteves, «Os primórdios do Feminismo em Portugal: a 1ª década do século XX» *Penélope. Fazer e desfazer a História*, nº 25, 2001, pp. 87-112.

de resultarem de projectos a que hoje chamaríamos feministas, destinados a promover a dignificação, a instrução e a autonomia intelectual e financeira da mulher. No primeiro caso, como procurou provar Andrea Oliveira Romariz em tese de mestrado recente,³² o projecto do *Almanaque das Senhoras* ter-se-á inspirado directamente no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, um anuário que teve notável êxito editorial em Portugal e no Brasil e pode ser considerado como um fenómeno de longevidade (publicou-se ininterruptamente entre 1854 e 1931 adoptando, depois de 1871, a designação de *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*). Guiomar Torrezão (1844-1898), que colaborava com essa publicação desde 1866 e procurava assegurar a sua subsistência por meio da escrita e do trabalho intelectual, viu no formato almanaque e no modelo do *Almanaque de Lembranças* uma forma de concretizar quer este desígnio, quer o seu projecto de promoção da emancipação feminina. Retoma, assim, da publicação anterior, não apenas o aspecto gráfico e a organização interna dos volumes mas, também, os circuitos de distribuição e venda. Tal como no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* o *Almanaque das Senhoras* fornecia aos seus leitores, no final de cada número, listas separadas dos nomes de homens e de mulheres que haviam contribuído com textos para a publicação. A elaboração destas listas -em que os homens são designados por «autores» e as mulheres simplesmente por «senhoras»-, é um dos traços característicos retomados por Torrezão. Os dois títulos da responsabilidade de Albertina Paraíso acima mencionados, têm também as leitoras como destinatário principal, encontrando-se ao serviço de ideais semelhantes de luta pela melhoria da instrução e da condição femininas, no âmbito da defesa dos ideais republicanos professados pela sua fundadora.³³

À laia de conclusão, gostaria de sublinhar que, no caso português, foi preciso esperar pelo século XIX para encontrar a presença das mulheres nos almanaques, quer como colaboradoras, quer como direc-

32 Andrea Oliveira Romariz, *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro. Um ensaio para um projecto maior?*, dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2011.

33 João Gomes Esteves, *Op. cit.*; Joel Serrão, *Da situação da Mulher portuguesa no século XIX*, Ivone Leal, *Um século de Periódicos femininos (1807-1926)*, Lisboa, Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 1992.

toras editoriais quer, ainda, como proprietárias. Em números absolutos, poucas chegaram a ter acesso a estas funções, mas o impacto que tiveram não foi, por isso, menos significativo.

QUADRO V: ALMANAQUES TENDO AS MULHERES COMO PÚBLICO-ALVO PREFERENCIAL

- *Almanaque das cozinhas*, Lisboa 1888 («indispensável às boas donas de casa») (1888-1901)
- *Almanaque Doméstico*, Lisboa, 1854
- *Almanaque dos Bons Pitéus* («segredos maravilhosos para improvisar deliciosas petisqueiras») 1874-1876
- *Almanaque das Famílias* («útil e necessário a todas as boas donas de casa») Lisboa 1893
- *Almanaque Familiar* (há três: nº 383, 384, 386)
- *Almanaque das lavadeiras*, Lisboa 1893
- *Almanaque de Santa Zita* («Obra de Providência e Formação faz Criadas») Lisboa 194?
- *Reportório das sopeiras*, Porto, 1892
- *Almanaque das Elegantes*, Lisboa, 1875
- *Almanaque Elegante*, Porto, 1866 («dedicado às senhoras portuguesas»)
- *Almanaque das Senhoras para Portugal e Brasil*, Lisboa, 1870-1928
- *Almanaque das Senhoras Portuguesas e Brasileiras*, Lisboa, 1885-1887
- *Almanaque das Senhoras Portuenses*, Lisboa, 1888
- *Almanaque do Belo Sexo*, («cómico e satírico») Lisboa, 1876
- *Almanaque Pink*, Porto, 1902
- *Almanaque ratices da tia Genoveva*, 1870

QUADRO V: ALMANAQUES DIRIGIDOS POR MULHERES

- *Almanaque das crianças*, 1892
- dirigido por: Margarida de Sequeira
- *Almanaque dos Bons Pitéus* («segredos maravilhosos para improvisar deliciosas petisqueiras») 1874-1876
- dirigido por: Guiomar de Lima
- *Almanaque das Senhoras para Portugal e Brasil*, Lisboa, 1870-1928
- dirigido por: Guiomar Torrezão
- *Almanaque das Senhoras Portuguesas e Brasileiras*, Lisboa, 1885-1887
- dirigido por: Albertina Paraíso

- Almanaque das Senhoras Portuenses, Lisboa, 1888
- dirigido por: Albertina Paraíso
- Almanaque de Angola, Lisboa, 1955-1960
- «Propriedade literária»: Armanda Beatriz Correia
- «Coordenação»: Joaquim Augusto Correia
- Almanaque de Moçambique Lisboa, 1955-1960
- «Propriedade literária»: Armanda Beatriz Correia
- «Coordenação»: Joaquim Augusto Correia
- Almanaque Ilustrado da Parceria António Maria Pereira 1900
- dirigido por: Maria O'Neill

QUADRO VI: MULHERES RESPONSÁVEIS POR ALMANAQUES

Alice Couto	n.º 671
Amélia Janny	n.º 463
Ana de Albuquerque	n.º 336
Armanda Beatriz Correia	n.º 173 e n.º 208
Branca Neves	n.º 841
Edite Soeiro	n.º 476
Guiomar de Lima	n.º 346
Guiomar Torrezão	n.º 162
Margarida de Sequeira	n.º 150
Maria João Fidalgo	n.º 436
Maria O'Neill	n.º 410

QUADRO VII: ALMANAQUES TENDO AS MULHERES COMO UM DOS PÚBLICOS-ALVO

- Almanaque Ilustrado da Parceria António Maria Pereira 1900
- dirigido por: Maria O'Neill
- Almanaque mil trovões, Lisboa, 1872
- Almanaque Valmiki («colaboração de damas e cavalheiros»)
Nova Goa, 1884-1885
- Almanaque dos Amores 1911-1914
- Almanaque dos bons namorados 1892-1908
- Almanaque dos Namorados («novo methodo de namorar»)
Lisboa, 1887
- Almanaque das crianças, 1892
- Almanaque da Bruxa da Arruda, Lisboa, 1892
- Almanaque da Mafalda de Santa Cruz vulgo Bruxa da Arruda,
Lisboa, 1912
- Almanaque da Tia Mónica, Lisboa 1885-1909
- Almanaque da Tia Mónica e da Tia Micaela, 1887-1896
- Almanaque Saragoçano das Feiticeiras, 1894
- Almanaque das Feiticeiras, 1899
- Verdadeiro Almanaque das Feiticeiras, Porto 1886

QUADRO VIII: RESPONSÁVEIS ANÓNIMOS (INICIAIS)

A. C. B.	n.º 561
A. J. D.	n.º 654
B. J. da S.	n.º 703
C. C. O.	n.º 505
F.A.P.	n.º 662
F. C. N.	n.º 304
F. F. S.	n.º 631
J. A. C.	n.º 663
J. C. P. de N.	n.º 600
J. M.	n.º 278
J. S. B.	n.º 849

QUADRO IX: ALMANAQUES PENSADOS PARA CIRCULAÇÃO LUSO-BRASILEIRA

- Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro (1854-1870)
- Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro (Lisboa, 1871-)
- Almanaque das Senhoras Portuguesas e Brasileiras
- Almanaque Dom Luís I para Portugal e Brasil (Lisboa, 1879)
- Almanaque Familiar para Portugal e Brasil (Braga, 1868)
- Almanaque Ilustrado do Brasil-Portugal (Lisboa, 1900-1902)
- Almanaque Vegetariano Ilustrado de Portugal e Brasil (1913)

REFERÊNCIAS

- AGUIER PIÑAL, F. *La prensa española del siglo XVIII. Diarios revistas y pronosticos*, Madrid, CSIC, 1978.
- ALBUQUERQUE, Luís Guilherme Mendonça de, *Os Almanques Portugueses da Biblioteca Nacional de Madrid*, sep. *Revista da Universidade de Coimbra*, vol XX, Coimbra, Impr. da Universidade, 1961.
- ALBUQUERQUE, Luís Guilherme Mendonça de, «Almanques» Joel Serrão (org.) *Dicionário de História de Portugal*, vol. I 1971, pp.
- ANDRIES, Lise, «Almanques: Revolucionando um género tradicional» in.: Robert Darnton e Daniel Roche (coords.), *Revolução Impressa. A Imprensa na França 1775-1800*, São Paulo, EdUsp, 1996, pp. 287-307.
- ASSIS, Machado de «Como se inventaram os almanques» in.: Marlyse Meyer (org.) *Do almanak aos Almanques*, S. Paulo, Ateliê Editorial, 2001, pp. 25-28.
- BLUTEAU, Rafael, *Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos*, Coimbra, Colegio das Artes da Companhia de Jesu, vol. I, 1712, p. 268.
- BOLLÈME, Geneviève, *Les almanachs populaires aux XVIIe et XVIIIe siècles. Essai d'histoire sociale*, Paris-Haia, Mouton, 1969.
- BOLLÈME, Geneviève, «Temps du compost, temps de l'Almanach» *La Bible bleue*, Paris, 1975, pp.
- CANTEL, Raymond, *La littérature populaire brésilienne*, Poitiers, Centre de Recherches Latino-Américaines, 1993.
- CAPELATO, Maria Helena, *Imprensa e História do Brasil*, S. Paulo, Contexto, 1988.
- CASA NOVA, Vera, *Lições de Almanaque: um estudo semiótico*, Belo Horizonte, Editora da UFMG, 1996.
- CHARTIER, Roger «O livro dos livros» in.: Margareth Brandini Park, (org.) *Histórias e Leituras de Almanques no Brasil*, Campinas, Mercado das Letras – S. Paulo, Fapesp, 1999, [com reedições em 2003 e 2009], pp. 9-13.
- CUNHA, Margarida «A encadernação dos almanques» in.: GALVÃO, Rosa Maria (coord.) *Os Sucessores de Zacuto. O Almanaque na Biblioteca Nacional do século XV ao XXI*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2002, pp. 25-27.
- DACIANO, Bertino, «O tempo e os almanques do povo. Retalhos de investigação etnográfica» *Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*, nº 1, 1954.
- DRESLER, Adolf, *Kalender-Kunde. Eine kulturhistorische Studie*, München, Karl Thiemiig, 1972
- GALVÃO, Rosa Maria (coord.) *Os Sucessores de Zacuto. O Almanaque na Biblioteca Nacional do século XV ao XXI*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2002, pp. 11-23.
- GRAND-CARTERET, John, «L'Almanach-Livre a travers les âges» *Les Almanachs français. bibliographie-iconographie des almanachs, années, annuaires, calendriers, chansonniers, étrennes, états, heures, listes, livres d'adresses, tableaux, tablettes et autres publications annuelles éditées à Paris 1600-1895*, Paris, J. Alisie et Cie. Libraires-Editeurs, 1896, pp. XXVII-LXXIV.

GRÜTZMANN, Imgart, «Almanaques em língua alemã em Santa Catarina (1864-1938): tipos, editores, objetivos» *Dimensões*, Universidade Federal do Espírito Santo, vol. 18, 2006, pp. 71-94.

GRÜTZMANN, Imgart, «Leituras sob o céu do Cruzeiro do Sul: os almanaques de língua alemã no Rio Grande do Sul (1855-1941)» in.: António SIDEKUM (org.) *Às sombras do carvalho*, São Leopoldo, Nova Harmonia, 2004.

LISBOA, João Luís «Apresentação» in.: GALVÃO, Rosa Maria (coord.) *Os Sucessores de Zaccuto. O Almanaque na Biblioteca Nacional do século XV ao XXI*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2002, pp. 11-23.

LOFF, Maria Isabel, *Impressores, Editores e Livreiros no século XVII em Lisboa*, separata de *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, anos X-XII, 1964-1966 e Margarida Ortigão Ramos, *Tratamento bibliográfico de uma miscelânea de folhetos sobre a Restauração de Portugal 1641-1667*, (exemplar policopiado), Coimbra, Universidade de Coimbra, 1980.

LUSEBRINK, Hans-Jürgen «L'almanach: structures et évolutions d'un type d'imprimé populaire en Europe et dans les Amériques» in.: Jacques Michone Jean Yves Mollier, *Les mutations du livre et de l'édition dans le monde du XVIIIe siècle à l'an 2000*, Paris, Harmattan – Quebec, Presses de l'Université Laval, 2001.

FERREIRA, Jerusa Pires, «Almanaque» in.: Marlyse MEYER, (org.) *Do almanaque aos almanaques*, S. Paulo, Ateliê Editorial, 2001, pp. 19-24.

MARQUILHAS, Rita, *A Faculdade das Letras. Leitura e Escrita em Portugal no século XVII*, Lisboa, Imprensa Nacional, 2000.

MERCADIER, G., «Une forme brève peut en porter bien d'autres : l'Almanach en Espagne aux XVIIIe siècle» *Fragments et formes brèves*, Etudes hispaniques, 17, Université de Provence, 1990, pp. 49-69.

MILLÁS Y VALLICROSA, «Almanaques catalanes y portugueses del siglo XIV de origen árabe» *Estudios sobre Historia de la Ciencia Española*, Barcelona, 1949, pp. 387 e ss.

PARK, Margareth Brandini, *Histórias e Leituras de Almanques no Brasil*, Campinas, Mercado das Letras – S. Paulo, Fapesp, 1999, [com reedições em 2003 e 2009]

PINTO-CORREIA, João David e Manuel Viegas GUERREIRO, «Almanaques ou a sabedoria e as tarefas do Tempo» *Revista do ICALP*, vol. 6, Agosto / Dezembro, 1986, pp. 43-52

QUEIRÓS, Eça de, *Almanaques*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2002.

QUEIRÓS, Eça de, *Almanaques e outros Dispersos*, (Edição de Irene Fialho), Lisboa, Imprensa Nacional, 2011, pp. 245-284.

RADICH, Maria Carlos, *Almanaque tempos e saberes*, Coimbra, Centelha, s.d.

REICHARDT, Rolf, Jean Yves Mollier e Susanne Greilich, *Presse et événement: journaux, gazettes, almanachs XVIIIe-XIXe siècle*. Actes du colloque international de Saarbrücken, Frankfurt, Peter Lang Verlag, 2000.

RODRIGUES, Ernesto, «Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro» in.: *Dicionário do Romantismo Português*, Lisboa, Caminho, p. 13

SOARES, Ernesto, *Almanaques, prognósticos, sarrabais do século XVIII em Lisboa*, 1946.

VASCONCELOS, José Leite de, *Etinografia Portuguesa*, vol. III, Lisboa, Imprensa Nacional, 1942, p. 458.